



Entrevista com

Luiz Fernando Martins Kruel

Entrevista: José Antônio dos Santos e Vicente Fonseca

Transcrição da entrevista: Elias Santos, Paola Pavezi e Vicente Fonseca

Fotos: Paola Pavezi

Revista da Extensão: Fale um pouco sobre sua trajetória e a escolha pela Educação Física e pela Natação.

Luiz Fernando Martins Kruel: Minha história na Educa o Física começou aos seis anos, quando meu pai se tornou sócio da Associa o Cristã de Moços. Comecei, então, a fazer atividade física dentro da ACM. L  tive uma inicia o de todos os esportes, e comecei a praticá-los.

RdE: E como foi sua primeira experiência como professor de nata o?

Kruel: Um professor da ACM dava aula e precisava de monitores. Perguntou ao grupo de liderança juvenil, que ajudava em várias atividades, quem queria participar. Ali eu iniciei minha vida de dar aula de nata o, como monitor do Prof. Sérgio Stockner por cerca de dois anos, ajudando ele a trabalhar com aquelas crianças.

RdE: O senhor chegou a ser técnico de vôlei e nata o, ainda enquanto aluno. Acumulando tantas atividades, como foi realizar sua p s-gradua o?

Kruel: Nessa época, na nossa área, não existia mestrado e doutorado. Tinham implantado aqui na então ESEF um dos primeiros cursos de especializa o na área de Educa o Física. Aí, veio uma bolsa da França pra fazer doutorado, e

os professores tinham que indicar um aluno que estivesse se formando pra ir fazer o doutorado na França. Fui indicado pra ir pra lá e sentei para conversar com os professores sobre as vantagens e desvantagens disso, e eles disseram que a Universidade não via o professor mestre ou doutor como um futuro, principalmente na nossa  rea. Era a realidade da época. Aí, aqueles mesmos professores que tinham me indicado e que eu tinha como referência, disseram que não iriam, pois estaria abrindo mão de ser treinador dos dois principais clubes do estado no esporte mais forte – naquela época o voleibol era um dos esportes mais fortes da Sogipa – e eles optariam por fazer uma carreira aqui dentro, e foi o que eu fiz. Foi o meu primeiro grande erro acad mico, pois se eu tivesse ido naquela época teria voltado na primeira leva de doutores na área de Educa o Física de todo o Brasil.

RdE: Como foi o seu primeiro contato com a nata o voltada para portadores de deficiência?

Kruel: Ainda aluno, no União, fui convidado pelo Prof. Mauri Fonseca, que queria implantar um projeto que só existia em Pernambuco e em São Paulo. Era um programa de nata o para portadores de deficiência. Comecei a trabalhar com ele nessa  rea. Era treinador do União e de noite comecei a trabalhar com deficiente físico e deficiente mental numa parte de ensino e aprendizagem, para tentar, através da nata o, melhorar a mobilidade e a qualidade de vida daquelas pessoas.

RdE: E do seu trabalho com a natação de alto rendimento, o que destacar?

Kruel: Logo que saí do União, o Mauri passou a implantar um projeto muito interessante. O União tinha a hegemonia do estado há 28 anos na natação e disputava palmo a palmo no cenário nacional com clubes de São Paulo. Ele estava implantando um projeto para formação de uma equipe para ser campeã estadual em cinco anos. Fez uma escolha de alguns técnicos, e tive a sorte de ser selecionado. Saímos do zero com o Mauri na parte de natação de alto rendimento, onde o União tinha uma larga tradição, e conseguimos ser campeões estaduais em quatro anos, antes do previsto inicialmente.

RdE: E os primeiros passos na carreira como docente universitário?

Kruel: Depois de formado, fui fazer uma especialização em Natação, depois outra em Treinamento e depois mais uma em Medicina Esportiva – as duas primeiras aqui na UFRGS e a outra na antiga Fundação Faculdade Católica de Medicina (atual UFCSPA). Nessa pós em Medicina Esportiva na Fundação, em 1979, conheci o Prof. Raul Bornesch Rodrigues, que ministrava a disciplina de Cinesiologia e de Biomecânica. Em 1980, me indicou para dar aula na Fundação nas disciplinas de Cinesiologia e Biomecânica, e eu assumi no lugar dele na Feevale. Eu já dava consultoria em algumas academias e para algumas equipes na área de natação. Tornei-me sócio em uma academia em Canoas, mas o meu foco já era o ensino superior. Iniciei na Feevale e estava surgindo uma disciplina nova no Brasil, que a UFRGS tinha sido uma das primeiras a implantar, três anos antes, que era a Fisiologia do Exercício. Para melhorar o desempenho dos meus atletas, eu vinha fazendo cursos nas áreas de Biomecânica e Fisiologia. A Feevale me convidou para assumir a disciplina de Fisiologia do Exercício e dava aula também de Cinesiologia nos cursos de Educação Física e Fisioterapia. Em 1984, fiz um concurso para 20 horas aqui na UFRGS na área de natação. Então fiquei com 20 horas aqui, continuei por dois anos

de sócio da academia em Canoas e dando aula na Feevale. Depois saí da academia em Canoas e passei para 40 horas na UFRGS e continuei na Feevale. Em 1988, decidi pela Dedicção Exclusiva aqui na UFRGS.

RdE: Vamos falar de UFRGS, então. Conte mais sobre seu começo aqui na Universidade.

Kruel: Divido esse período da UFRGS em dois momentos: um mais acadêmico e técnico e outro mais administrativo na área da extensão e da pesquisa. Entrei em 1984 e me convidaram para administrar o prédio da piscina. Comecei com alguns cursos de extensão, e, num deles, o curso de natação para bebês, numa discussão do curso, a gente começa a ver a importância de trabalhar com natação para crianças asmáticas. Aí, em 1986 eu criei um grupo de ensino, pesquisa e extensão na área de água com um programa de natação para crianças asmáticas. Nosso grupo agora está fazendo 30 anos. Começamos com cinco alunos, numa parceria com o Hospital de Clínicas. O Professor Fernando Abreu ajudou muito a estruturar esse serviço de atendimento à criança asmática – desde o início implantamos esse programa de extensão como serviço, e junto com pesquisa.

RdE: Foi nessa época então que o senhor passou a se voltar mais para a área da saúde...

Kruel: Isso. Fui para natação e crianças asmáticas, um ponto de rompimento forte. Nesse ano de 1986, em que eu estruturei o grupo, saiu um curso em São Paulo de hidrogenástica. Eu queria algo que fosse dentro d'água, mas que não fosse natação. Eu tinha começado a estruturar aquele grupo de asma no ano anterior, estava em funcionamento há mais ou menos meio ano quando saiu esse curso. Peguei cinco alunos, fomos pra São Paulo com apoio da UFRGS e da Pró-Reitoria de Extensão fazer esse curso, voltamos para cá e montamos um programa de extensão em hidrogenástica. Ele foi pioneiro nessa área no Rio Grande do Sul, e virou referência mundial. Quando começamos a parte de hidro, não tínhamos equipamento nenhum. A primeira

turma foi no segundo semestre de 1986, com 20 alunos. Desses 20 que começaram, oito ainda fazem aula conosco até hoje, de forma ininterrupta, por 30 anos. É aí que o meu grupo começa a ir mudando de cara, de sentido de pesquisa.

RdE: Como foi essa mudança gradual de foco nos trabalhos do grupo?

Kruel: Começamos trabalhando com um público jovem. Nesse meio tempo, implantamos outra atividade, no início de 1987, que chamamos de *jogging aquático (deep water running)*. Achávamos que tinha sido uma atividade nova no mundo, mas depois vimos que ela já existia há muito tempo, só não era difundida, assim como a hidroginástica – existem relatos de que esta atividade já existia em 470 a.C.. Assim, implantamos o *deep water running* no Brasil em 1987, também por um programa de extensão da UFRGS. Ao longo de algumas dezenas de cursos que acabei ministrando, começamos a difundir por uma parte científica o *deep water* e a hidroginástica no Brasil, e depois virando referência no mundo. O grupo começou a crescer, eu saí pra fazer mestrado e doutorado, trabalhando na área de alterações fisiológicas e biomecânicas no meio líquido. A nossa base é tentar trabalhar e olhar o comportamento e o fenômeno por prismas diferentes. Mesmo quando eu estive fora os projetos seguiram ocorrendo de forma continuada e ininterrupta. Passaram pelo meu grupo como bolsistas de extensão e de pesquisa mais de 300 pessoas, uma formação grande de alunos de mestrado e de doutorado.

RdE: Os alunos que trabalham com o senhor são em geral mais maduros ou estão no começo do curso?

Kruel: Eu procuro trazer os alunos para o meu grupo no final do primeiro semestre, para dar uma formação para eles dentro da graduação, deixar eles prontos. Isso dá muito trabalho. Tu pega um aluno de primeiro semestre, verde, totalmente cru, pra fazer uma formação, para posteriormente fazer mestrado e doutorado. Tenho vários alunos ao

longo desse período que ficaram de 10 a 15 anos comigo, do primeiro semestre da graduação ao doutorado, e alguns até o pós-doutorado.

RdE: Isso certamente deve fazer muita diferença para a continuidade desses projetos...

Kruel: Com certeza. Não só dos projetos, mas na formação dessas pessoas, que hoje têm grupos consolidados com pesquisa e extensão, e formando gente com uma base boa em diversas Universidades do País.

RdE: O seu trabalho já recebeu inúmeros prêmios mundo afora. Tem algum que o senhor considera mais importante na sua trajetória?

Kruel: Acho que dois deles são muito significativos. O primeiro, na ordem cronológica, é de uma associação aquática internacional, com sede nos Estados Unidos, que congrega 42 países. Ela trabalha, divulga e forma profissionais no mundo inteiro. O conselho científico desta associação é composto por vários doutores de todo o mundo. Antes, eles premiavam só o melhor *trainee* da associação no mundo. Aí, em 2006, o conselho resolveu premiar um pesquisador no mundo. Fiz uma reunião com o meu grupo em 2007 e disse; “espero que algum de vocês ganhe o prêmio, pois com certeza não vou ser eu que vou ganhar, já estou quase me aposentando”. Eu pensava que até um brasileiro ganhar o prêmio ia demorar muito. Pois para minha surpresa, o primeiro pesquisador mundial que ganhou fui eu. Foi um reconhecimento pelo que o nosso grupo tinha produzido de conhecimento pra estruturar as aulas de hidroginástica no mundo inteiro e pela contribuição para a indústria da água. O outro que me tocou muito foi mais recente, em 2012. O CNPQ tem um prêmio há 33 ou 34 anos, que é o Jovem Cientista. Dentro desse prêmio, 18 anos atrás, foi criado um na categoria de mérito científico. A cada ano, o Jovem Cientista tem um tema e eles veem em todas as áreas de conhecimento quais os pesquisadores sêniores, e as associações científicas e de classe indicam pessoas pra ganhar

o mérito científico do CNPQ. O pesquisador não se inscreve, foi até uma surpresa quando ligaram falando de um prêmio que eu nem sabia que estava concorrendo (risos). Desses 18 anos que existe o prêmio, fui o sexto brasileiro de todas as áreas do conhecimento a ganhá-lo, e o único gaúcho. Em todos os anos ocorre o prêmio, mas em nem todos as pessoas indicadas conseguem preencher os requisitos. Ganhei na área de inovação tecnológica em esporte. O prêmio é dado pelo Presidente República. O que foi valorizado na minha avaliação foi desenvolvimento de protocolos de avaliação e prescrição de exercícios de baixo custo e de fácil acesso às pessoas. Por exemplo: tem um equipamento de fazer avaliação no Lapex que custa 400 mil dólares, mas quantas pessoas podem usá-lo no Brasil e no mundo? Com esses equipamentos aqui, a gente desenvolveu um protocolo de avaliação e prescrição de exercícios com custo zero, para o público poder usar, e validamos através do aparelho. Claro que quando a gente faz a pesquisa nós usamos material de ponta, mas quem está na linha de frente (academias e escolas) dando aula não dispõe dele. A gente desenvolveu vários protocolos na parte de avaliação e também na de saúde de crianças, e foi através desses protocolos de baixo custo que o pessoal considerou isso uma inovação tecnológica.

RdE: E os seus projetos de extensão, que há tanto tempo estão em atividade?

Kruei: Ao longo dessa trajetória, implantamos cinco projetos de extensão que estão ocorrendo desde 1987. Começamos com o de natação para asmáticos, que foi de 1986 a 1998 – eu não tinha mais estrutura para atender os asmáticos e parei, mas implantei nesse meio tempo um programa pra atendimento a portadores com Síndrome de Down. Hoje a gente atende 360 pessoas. A ideia era fazer a pesquisa para melhorar o atendimento e produzir um conhecimento também a partir da extensão e para a extensão, que é pegar o que o público precisa e devolver isso pra ele, mas, como o pessoal quase não sai do programa, essas turmas foram envelhecendo. Então, quando começamos,



estávamos montando aulas para pessoas de 20 a 30 anos. O nosso público hoje é de pessoas de 70, e tenho uma aluna de 93 anos. Elas entraram 30 anos atrás e foram ficando no grupo (risos). Aí, por afinidade, como a turma é mais velha, o público já não vem, e acabam vindo integrantes novos que já sejam de mais idade. Assim, começamos a trocar o nosso foco de pesquisa: além de estudar a parte mais voltada ao rendimento, passamos a estudar mais a saúde. Foi aí que começamos com projetos tipo o de como fazer prescrição e avaliação de diabético tipo 2, de dislipidêmico e para osteoporose. Também fomos mudando nossa forma de avaliar e prescrever, pois havia alguns modelos que a gente usava de prescrição que, quando o pessoal começou a envelhecer e usar alguns medicamentos, aquele já não era mais o melhor modelo. Então, começamos a desenvolver projetos de mestrado, doutorado e pós-doutorado para dar um suporte para aquele problema do dia a dia da extensão. O meu grupo começou com dois alunos, depois foi para cinco, e hoje temos 48 alunos fazendo ensino, pesquisa e extensão juntos. Tenho aluno do primeiro semestre que participa de reuniões com aluno de pós-doutorado. E eu não aceito que esse pós-doutorando venha ao grupo só para fazer pesquisa: ou ele vem para trabalhar junto em pesquisa, extensão, formação de pessoa de base, ou ele não faz o pós-doutorado dentro do grupo.

RdE: Qual a importância que o senhor vê de ensino, pesquisa e extensão andarem juntos na área de Educação Física?

Kruel: Total, não só na Educação Física. Acho que temos uma coisa no regimento que não é cumprida: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Eu não consigo vê-los de forma separada. Ainda hoje eu estava comentando com a nossa chefe de departamento: o aluno diferenciado do nosso curso é aquele que participa de projeto de extensão e depois vai para a pesquisa, pois ele consegue tornar real algo que para ele, na aula, muitas vezes é virtual, e muito teórico. E há coisas na teoria que quando tu vais para a prática não funcionam, tu precisas buscar outra resposta teórica para aquilo. Ela existe, mas nós não conseguimos passar numa sala de aula todas as verdades teóricas, e quando a gente passa uma verdade ela funciona para uma população, e não para todo mundo. No momento que esse aluno vem para trabalhar contigo na extensão e na pesquisa, começa a ver que aquela verdade teórica não é a única, e às vezes ela nem funciona. Tem que buscar outra verdade para conseguir atender o problema. É aí que a gente começa a formar um profissional completo, pois ele vai ter que ir em busca do conhecimento, aplicá-lo e ver se dá certo ou não. Mas para isso tu precisas ter uma estrutura de grupo e tens que acompanhar.

RdE: Dá trabalho...

Kruel: Dá muito trabalho. Eu chego aqui na ESEFID às 7h30 e saio às 20h, de segunda a sexta. Tu não podes colocar um projeto de extensão e não dizer para o teu aluno como quer que ele trabalhe. Tu tens que estar ali. Por exemplo: eu atendo a comunidade das 16h às 19h15, segundas e quartas. O meu bolsista de extensão é obrigado a estar segunda, quarta e sexta no grupo, das 14h às 19h30. Segundas, das 14h às 16h, temos mestrandos, doutorandos ou pós-doutorandos dando aula pra eles, e cobrando leitura de coisas que nós fizemos ou outros pesquisadores fizeram.

Esse mestrando, doutorando ou pós-doutorando, depois de dar essa aula teórica, sobe para ver como está a prática dos bolsistas. Há pessoas que estão fazendo mestrado ou doutorado comigo que são donos de academia, ou professores em outra universidade. Então, eles têm outra visão, não só a minha, de como o aluno tem que se comportar lá. E eles são obrigados a observar e voltar num outro dia e fazer uma retroalimentação, para aquele aluno da graduação não se sentir sozinho.

RdE: Como funciona para o aluno que entra no grupo como bolsista de extensão contigo?

Kruel: No primeiro semestre como bolsista, ele só faz aula dentro d'água. Ele é praticamente um aluno nosso – esse ainda não tem bolsa de extensão, é bolsista voluntário. No momento em que está fazendo a aula, começa a ver as dificuldades que está tendo e outros do lado dele também. Depois disso, ele passa a ser monitor dentro d'água, a seguir fora d'água, e mais tarde professor, assumindo uma turma. Nesse meio tempo ele tem cursos e palestras por um ano e meio ou dois. Para eles entrarem no grupo, o compromisso mínimo é que eles fiquem dois anos comigo – eles normalmente ficam três anos, três anos e meio. Depois do segundo ano, eu escolho um aluno que vai ser o coordenador comigo. Todo o primeiro embate frente o aluno e probleminhas pequenos, como cobrar horário dos outros colegas e estruturar a agenda da reunião, quem começa a resolver é esse coordenador, que senta comigo diariamente para despachar. Ele já está se preparando ali não para ser professor de uma academia, mas para ser coordenador numa academia, se não vier a fazer mestrado ou doutorado comigo – alguns não querem o lado acadêmico, mas sim terem uma boa formação para ir para o mercado. Esse que se destacou vai para uma academia e normalmente assume a sua coordenação, pois já vivenciou isso aqui dentro, errou aqui dentro e com outras pessoas mostrando o que está fazendo de certo e de errado.

RdE: Como funciona a sistemática das aulas?

Krue: Para a extensão montamos uma estrutura anual de trabalho, de março a dezembro, definindo o que vai ser trabalhado em cada mês. Fazemos uma avaliação e, a partir das dificuldades médias da turma, planejamos o treinamento para um ano. Com essa planificação, nas quartas-feiras eles discutem como foi a aula de acordo com aquele objetivo da semana anterior e montam a da semana seguinte, em cima do planejamento que está estruturado. Para a formação acadêmica dos diversos níveis de alunos, nas sextas, temos uma reunião geral do grupo. A cada semestre ela tem um assunto pré-estabelecido. Quem ministra as aulas são os mestrandos e doutorandos, e quem apresenta artigos científicos sobre o tema da aula são os alunos de graduação. Por exemplo: neste semestre, vimos que uma carência nossa para os alunos de graduação e mestrado estava na escrita de artigos científicos. Então, todas as nossas reuniões de sexta-feira eram sobre como escrever um artigo científico e como avaliá-lo se fôssemos *referee* de revista. Em outro semestre discutimos metodologia do treinamento, em outro metodologia da pesquisa, em outro estatística. O pessoal que está comigo tem outro curso de formação, fora a graduação. O pessoal que teve a formação dentro do grupo bem feita, nas universidades em que entram, estão entre os melhores professores, tanto na pós-graduação como na produção científica.

RdE: Essa questão de gestão de grupo é especialmente importante na área de Educação Física...

Krue: Acho que não só na Educação Física, mas em todas as áreas do conhecimento. O problema é que as pessoas detêm um conhecimento, e aí dizem que querem formar um aluno, mas não querem que ele seja tão bom quanto ela é, ou quanto ela acha que é (risos). Acho que temos que partir do pressuposto de que precisamos buscar pessoas com potencial para serem alguém melhor do que nós. É aí que você está com a tua obra concluída. E isso tu não consegues sozinho: tens que ter uma estrutura de grupo para conseguir isso.

RdE: O senhor havia falado antes da questão da indissociabilidade. Mas e a interdisciplinaridade, o que o senhor pensa a respeito?

Krue: Quando tu vais para a prática, não tem como fazê-la sem ser interdisciplinar ou multidisciplinar. Não consigo dar aula, numa aplicação prática, se eu não tiver um conhecimento de várias coisas. Nisso eu acho que a extensão ajuda muito o nosso aluno: ele poder usar o que aprendeu numa disciplina, em outra, e mais outra, e criar a aula dele.

RdE: Educação Física e Saúde são áreas muito ligadas, tanto em relação à prevenção e análise quanto à inclusão. O senhor tem projetos de natação para pessoas com Síndrome de Down e portadores de diabetes tipo 2. Qual é a importância que o senhor vê em proporcionar aos portadores dessas doenças uma oportunidade de se exercitarem e melhorarem sua qualidade de vida?

Krue: A Educação Física é uma profissão da área da Saúde. Precisamos encarar o exercício como um medicamento, e sabemos que não existe um medicamento que sirva para todas as doenças. Também não inventaram na Educação Física um exercício que sirva para todas as doenças. Quando eu falo de exercício, é num sentido bem amplo, por exemplo: qual a intensidade, duração, frequência semanal etc. ideal para esta doença. Isso é o que o nosso grupo vem estudando. Quando estruturamos o serviço para diabéticos e dislipidêmicos, tínhamos desenvolvido através da pesquisa uma bagagem de conhecimento sobre este tema. Nosso grupo produz muito, é um dos que mais produz no Brasil cientificamente. Considerei que era muito pouco divulgar isso só através de artigo científico. Então, resolvemos estruturar um serviço para atender essas pessoas, e não só pra atender, porque essas pessoas começam a servir de divulgadores, pois faziam exercícios em outros lugares e não melhoravam, mas aqui começaram a melhorar. E isso porque tem toda uma avaliação e uma prescrição em cima da doença. Não só o que a gente produziu de conhecimento: usamos o que estava sendo produzido no mundo inteiro, até para gerar



um novo conhecimento aqui dentro. O exercício, como todo medicamento, pode fazer bem ou mal, ou não fazer efeito. Se eu administrar um medicamento numa dose muito pequena ela não serve; se eu administrar numa dose certa, ela pode curar ou melhorar a qualidade de vida da pessoa; mas se eu administrar uma dose muito alta de intensidade, de duração ou de volume, eu posso matar.

RdE: E como o senhor vê parar com tudo isso? O senhor comentou que pensou várias vezes em se aposentar...

Kruel: Essa é uma decisão difícil, eu já tenho três anos para me aposentar...

RdE: Mas está longe da compulsória...

Kruel: Não muito longe (risos).

RdE: O senhor teve um papel bem grande na Câmara de Extensão e aqui na ESEFID também.

Kruel: Eu entrei na UFRGS em 1984, e no ano seguinte comecei a fazer projeto de extensão. Quando eu fui fazer projetos de extensão, queria começar a atuar com cursos e essas coisas. O que me foi informado na época: queres registrar, registra; não queres, não registra. A extensão...

RdE: ...era bem desvalorizada.

Kruel: É. Como assim, eu posso registrar ou não? Era tudo centralizado, não tinha a estrutura de hoje. A ESEFID tinha uma gama de projetos sem nenhum registro, nada registrado. Em seguida, me colocaram de representante da extensão junto ao departamento. Fui para lá, passei a registrar as coisas, conhecer como era a extensão na UFRGS. E comecei a vir para a ESEFID e dizer “temos que registrar”, comecei a ser conhecido como o “Professor Extensão”. Ia para uma reunião e me perguntavam “Kruel, tu não vai falar temos que registrar?”. Bom, aí nós conseguimos estruturar, na gestão do professor Dick, ainda não era no regimento novo a primeira secretaria de extensão desvinculada da Reitoria de toda a Universidade. Porque antes todo o esquema, toda a guia de pagamento, ordem de compra tudo era via pró-reitoria. Consegui na época uma bolsista da Escola Técnica de Comércio, eu sentava com o professor e via a ideia dele, porque ninguém queria perder tempo e botar no papel. Aí nós fazíamos o projeto para o professor, ele via se era o que queria ou não, assinava e a gente encaminhava as coisas. Começamos a fazer uma arrecadação, em vez de passar tudo pela pró-reitoria. Já tinha a PROREXT, mas era uma estrutura diferente. Começou a funcionar, eu e uma estagiária, mas não demos mais conta porque já tínhamos muita coisa, não como hoje, mas era bastante coisa. Aí eu consegui o deslocamento da Lúcia Rosito, da Reitoria para cá, e ela começou como secretária. Estruturamos a secretaria de extensão da ESEFID. A gente fazia tudo aqui: montava o projeto, na hora de fazer o relatório a Lúcia e a bolsista ajudavam. Na época o

processo todo era papel e batido na máquina. Os professores não queriam bater na máquina, então montamos a secretaria, e o pessoal digitava tudo. Quando mudou o regimento da UFRGS, foi criado o esquema das câmaras, das comissões de extensão e tudo, eu participei da Comissão de Extensão por vários anos, inclusive a coordenei duas vezes. Eu participei de quatro ou cinco gestões da Câmara de Extensão e fui presidente dela uma vez. Eu fazia pesquisa e extensão, mas o pessoal só me via como extensionista, e não valorizavam a extensão como a pesquisa. Fui para a Câmara de Pesquisa, fui presidente dela, e então consegui transitar nas duas câmaras. Mas eu vejo que a extensão conseguiu crescer e ser valorizada pelos professores. Hoje a quase totalidade dos projetos é registrada. É verdade que ainda tem problema de reconhecimento frente à UFRGS: existe um desconhecimento das pessoas do que é extensão – nessa última campanha para reitor deu pra ver bem quem conhecia e quem não conhecia o que é extensão, a ponto de haver candidato dizendo que extensão é tudo o que não é ensino ou pesquisa. Claro, é muito difícil conhecer a UFRGS toda. Quando fui presidente da Câmara de Extensão, procurei fazer uma gestão descentralizada: ia até as unidades, fazia reunião nas unidades, porque era preciso conhecer a realidade. É muito difícil. Mas acho que melhoramos da água para o vinho em termos de crescimento, embora, claro, algumas coisas poderiam ser melhores. A gente sempre tem que tentar melhorar.

RdE: Essa secretaria de extensão que tem aqui é a única de uma unidade na UFRGS...

Kruel: Com a estrutura e forma de atendimento ao público, acho que sim. Entretanto, hoje ela não faz várias atividades da proposta inicial: por exemplo, não elabora mais os projetos para os professores. Ela gerencia onde está localizada a informação de extensão. A pessoa chega aqui e quer realizar alguma atividade, passa na secretaria e recebe a informação de todos os projetos que existem, se é gratuito ou pago, qual é o horário, como é a inscrição etc.

RdE: Com toda a sua experiência ligada à extensão, o que o senhor vê como avanço e o que o senhor vê como retrocesso, que poderia ainda melhorar na nossa extensão universitária?

Kruel: Acho que a gente tem muito pouco dinheiro investido em extensão. Esse é o grande problema. Ninguém consegue fazer extensão sem ter dinheiro. E o erro da ESEFID é o que dinheiro da extensão, contra o estatuto, não vai para o coordenador, vai para a direção da unidade, para ela distribuir o dinheiro onde ela quiser. Esse é um problema sério que nós temos, pois muitas vezes esse dinheiro não retorna para o projeto. Eu arrecado muito, são mais de 300 alunos a R\$ 105,00 por mês, mas já aconteceu em algumas gestões de eu não ter colete para o aluno fazer aula de jogging, que sai por R\$ 40,00 e me dura três anos. “Ah, mas não tem dinheiro”, dizem. Não tem dinheiro porque gastaram em outras coisas. Aí o coordenador tem que administrar o projeto com o aluno pagando e não tem material para dar aula. Mas tem coisas que melhoraram: fundos como o Proext, por exemplo.

RdE: Essa questão do recurso é de discussão muito grande dentro da Universidade, de difícil entendimento muitas vezes, certo?

Kruel: Se analisarmos o dinheiro que vai pra Faurgs via extensão, ele não retorna todo ele pra extensão. É o mesmo problema que nós temos aqui: tu arrecadas, mas ele não volta para o projeto.

RdE: Existe a chamada “extensão pra dentro”, que é as pessoas virem para cá, para dentro da Universidade. E a “extensão para fora”? O que se tem feito?

Kruel: Muita coisa. Infelizmente, eu só consegui realizar atividades aqui dentro. Por exemplo: esse projeto de caminhada a gente tentou fazer fora daqui, mas não conseguimos. E os projetos que envolvem piscina não tem como. A UFRGS tem muitos projetos de atendimento fora, nas mais variadas áreas, e dos mais variados tipos de atendimento. ◀